

DA UTILIZAÇÃO DO CIBERESPAÇO DIGITAL PARA CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIA DE PESQUISA EM ARTE-EDUCAÇÃO, MEDIAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO MUSEAL

GABRIELA MAETÊ TURETTA

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil

MAURICIO ANTUNES TAVARES

Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Recife, Pernambuco, Brasil

JOANA D'ARC DE SOUSA LIMA

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil

RESUMO: Este artigo objetiva refletir sobre a utilização do ciberespaço na construção de metodologias de pesquisa em Arte-Educação, Mediação Cultural e Educação museal, tomando como foco de análise uma experiência realizada durante a pandemia de Covid 19 para o desenvolvimento de dissertação de mestrado. Com base nos princípios metodológicos da pesquisa participante, a ação propiciou a construção de laboratórios colaborativos a partir das plataformas *Blogger* e *Instagram*, privilegiando a atuação dos participantes na proposição de ações educativas e na troca de conhecimentos entre si. A análise evidenciou que as criações dos participantes no ciberespaço inserem-se como exercício de reflexão educacional sobre as artes e culturas, diferenciando-se de conteúdos de comunicação e marketing visual que comumente são encontrados nos ambientes virtuais das instituições culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-Educação; Educação Museal; Ciberespaço; Metodologias Participativas.

INTRODUÇÃO

A pesquisa “Da construção dos modos de fazer: processos metodológicos de educadores(as) de museus e exposições de arte” (Turetta, 2023) teve como objetivo construir, junto aos educadores participantes, uma investigação a respeito do trabalho metodológico desenvolvido por eles nos modos de fazer ao elaborarem suas mediações e trabalhos educativos. O trabalho metodológico da pesquisa se inspirou na própria prática de mediação apresentada pelos participantes, utilizando a mediação como eixo central de levantamento de dados, análise das fontes, organização das informações e encaminhamentos teóricos. Além disso, a pesquisadora se debruçou em elaborar uma metodologia para propiciar a construção coletiva de saberes, por meio de um laboratório digital, nas plataformas *Blogger* e *Instagram*.

O laboratório *Mediando-nos*, então, foi resultado de um processo colaborativo e, simultaneamente, autobiográfico da pesquisadora e dos sujeitos participantes, possibilitando a confecção de uma cartografia. Os resultados obtidos pela pesquisa, concretizada na dissertação, vão além das questões que serão exploradas no presente

artigo, cujo recorte é focalizado na construção da metodologia a partir do ciberespaço digital, no ambiente virtual das redes.

MEDIANDO-NOS: WEB-CARTOGRAFIA E LABORATÓRIO DE METODOLOGIAS

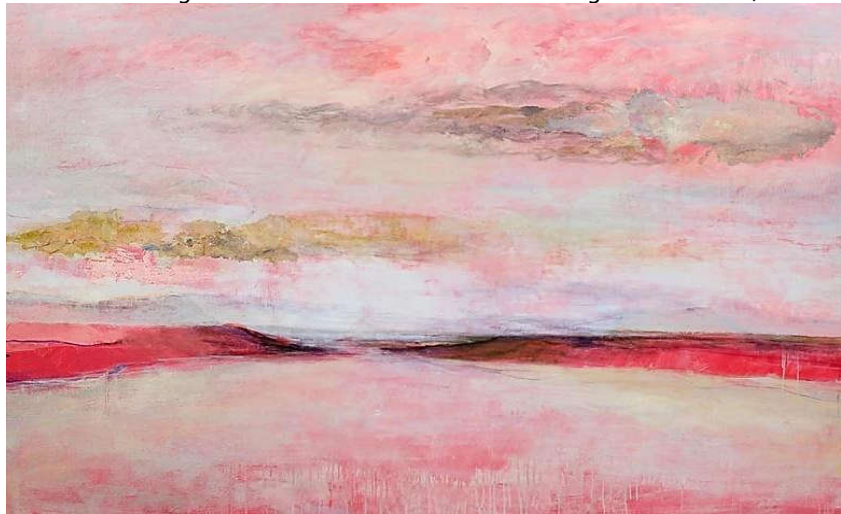
A questão central que orientou a criação de uma metodologia que pudesse servir de caminho para investigação do objeto da pesquisa gira em torno do modo como os educadores (as) elaboram seu fazer nos museus e exposições de arte, qual o ponto de partida e quais são as suas referências, suas autorias, suas escolhas e seus encontros. Num contexto ainda marcado por uma pandemia, e carregado da constante precarização do trabalho de modo geral e, desse trabalho em específico, impõe-se uma série de limitações. Os museus estavam fechados; os educadores, demitidos. Os programas de educação das instituições estavam desnorteados ou desmantelados frente ao acontecimento brutal da COVID-19. Como, então, saber o que faziam e como faziam os educadores(as) em seu cotidiano?

Traçou-se, a partir daí, as estratégias para alcançar possíveis respostas. A proposta veio de um processo de elaboração e investigação de como eu, enquanto educadora, produzia as minhas mediações.

Para organizar os processos, iniciei, em maio de 2020, um exercício de escrita e investigação por meio da plataforma *Blogger*, que denominei de *Mediando-nos*, onde me propunha a mediar algumas obras de arte e refletir sobre como elaborava as metodologias para realização deste trabalho. As obras escolhidas não estavam expostas em lugares específicos, eram fruto de memórias de lugares onde trabalhei como educadora, ou fruto da aproximação com algumas temáticas de interesse pessoal. A cada mediação, buscava desenvolver um método para tipos de obras diferentes. Por meio deste exercício, fui ensaiando metodologias, conjuntos de práticas, inspirações teóricas e poéticas para abordar determinados trabalhos de arte. Dentre as experiências registradas, estão: Metodologia 1 – Reconhecimento e Apropriação; Metodologia 2 – Olhando, cheirando, ouvindo. Uma paisagem total e imaginada; Metodologia 3 – Observações, por meio dos contextos, para retratos; Metodologia 4 – Se atentando às funções, des-funções, re-funções (ou à própria arte-contemporânea); e Metodologia 5 – Para monumentos: práticas para além de lembrar ou esquecer¹.

TURETTA, G. M.; TAVARES, M. A.; LIMA J. D. de S.

Figura 1 – Anete Ring. Série Horizontes. 2012. Acrílica e colagem sobre tela (140x220cm)



Fonte: Anete Ring. 2020. Portfólio da artista².

Figura 2 – Frame do vídeo “Imagem-cheiro”



Fonte: Mediando-nos. 2020. Laboratório de Mediação³.

O conjunto de imagens aqui exposto (Figura 1 e 2) é um dos exemplos do exercício descrito no parágrafo anterior. Neste caso, começou com a feitura de um pequeno vídeo, onde se côm um café e, com base nesse gesto cotidiano de fazer o café, e simultaneamente fazer o vídeo, elaborou-se, então, uma metodologia para mediar o trabalho, que privilegiava os sentidos, como induz a imagem sedutora de um café sendo coado: o cheiro que dele emana, o gosto do café na boca, a cor, a mutação física dos

elementos em efusão – alguém em pé à beira da pia, fazendo o ritual, as mãos tocando o recipiente com o café quente – uma imagem cinestésica.

Em seguida, uma aproximação dialógica e poética com o trabalho pictórico exibido na figura 2. O que aquela paisagem da pintura de Anete Ring me sugeria, então, era uma abordagem cinestésica, o horizonte que tinha cheiro, tinha som, tinha textura, memórias. O dispositivo que integra essas duas imagens se traduz nos sentidos, como se o horizonte representado pela artista se transformasse em uma experiência total, onde a leitura formal da obra poderia ficar em segundo plano, dando lugar para uma abordagem experiencial, liberta da sua condição posta. O que, em termos mais simples, significa que, toda vez que olhava essa paisagem, sentia uma pulsão de imergir nela – imediatamente o gosto e o cheiro do café me tomava por completo. Pensei o quanto essa sensação (de cinestesia) poderia ser acionada em outros trabalhos que representam paisagens para outras pessoas, de diferentes formas. Importante ressaltar que todo esse processo não era a mediação da obra de Anete Ring, mas, sim, a investigação metodológica com a qual eu a criaria.

Essa investigação pessoal, que resultou numa cartografia coletiva, possibilitou a organização da proposição para os(as) educadores(as). Com base no entendimento do mecanismo da mediação enquanto processo criativo, o *blog* se tornou disponível para os pares experimentarem mediar trabalhos de Arte. Havia ali, um laboratório.

Após esse processo de organização do *blog*, se propôs a diversos educadores(as) do meu círculo de amigos(as) e conhecidos(as) que atuam na área, de diversas cidades do Brasil, que fizessem uma mediação de uma (ou mais) obra de arte escolhida por eles(as) para o laboratório (ou seja, que os participantes fizessem também esse exercício de criação). Os educadores eram livres para escolher o suporte: podia ser uma mediação textual, vídeo, áudio ou vários suportes combinados. O material analisado na pesquisa de dissertação foi fruto do aceite desses participantes. Dos convites enviados, apenas 5 concordaram em participar. A proposta teve como objetivo observar de que forma esses educadores elaboram suas metodologias para o fazer, perceber se as mediações se relacionam suas narrativas de si.

O laboratório seria analisado como lugar, mapa. A experimentação que se tornava metalinguagem. “Há sempre um universo de olhares a serem lançados sobre os sujeitos e os objetos, sobretudo, tudo o que há entre eles – foi um experimento sobre a criação da mediação, uma meta(o)dologia sempre em andamento” (Turetta, 2023, p. 34), como sugere Ana Mae Barbosa

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade – todos esses são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano [...] (Barbosa, 2005, p. 100).

A utilização do recurso epistemológico da cartografia nos serviu para compreendermos como a metodologia da pesquisa se estruturou e conduziu, também, a análise e interpretação dos dados produzidos.

Não considero que haja uma teoria ou uma cartografia geral da forma como são semiotizadas essas problemáticas. Esse ponto é para mim fundamental, pois a representação teórica e ideológica é inseparável das condições dessa práxis; é algo que se busca no próprio movimento, incluindo-se nesse movimento os recuos, as reapreciações e as reorganizações das referências que forem necessárias (Guattari; Rolnik, 1996, p. 27).

Segundo o questionário aplicado, via *Google Forms*, foi possível conhecer de forma objetiva quem eram os participantes. Residentes das cidades de São Paulo, Suzano, Recife e Olinda, entre 27 e 34 anos, com formações acadêmicas distintas. Todos os participantes já atuaram em Museus; 3 deles também já atuaram em Centros Culturais e Exposições Fixas; e apenas 1 participante atuou, inclusive, em Festivais de Arte. Todos já atuaram em Exposições Temporárias de Arte; 3 também já atuaram em Museus de História e Antropologia e Museus de Ciência e Tecnologia. Apenas 1 participante já atuou em Exposições Temporárias de História e Antropologia; e apenas 1 participante atuou em Exposições Temporárias de Ciência e Tecnologia. Todos eram formados em áreas das Ciências Humanas (História da Arte, Artes Plásticas, História e Museologia). Dentre eles 4 eram do sexo feminino (autodenominadas cisgêneros) e 1 do sexo masculino (autodenominado bixa); 3 participantes se autodeterminaram negros, 1 pardo e 1 branco. Todos os participantes atuam, ou atuaram, na área por mais de 6 anos (Turetta, 2023).

No momento da pesquisa, três participantes não estavam atuando na área. Dos motivos apresentados, todos responderam por conta dos baixos salários e condições laborais desfavoráveis; apenas 1 respondeu que optou por mudar de área.

Das nomenclaturas apresentadas para denominar o exercício profissional (Arte-Educador(a); Mediador(a); Educador(a)-museal; Educador(a); Nenhuma dessas alternativas), apenas 1 optou por "Arte-educador(a)", os demais selecionaram a opção "Educador(a)".

A pluralidade representada por essas identificações perpassa questões de gênero, raça e classe. As questões geográficas, por exemplo, nos ajudam a compreender a complexidade dos processos de criação, à medida que ser educador(a) em Recife é diferente do que ser educador(a) em Olinda – se compararmos com ser educador(a) em São Paulo, essas diferenças se tornam ainda mais profundas. Ainda em São Paulo, podemos discutir o que é ser educado(a) no centro, e sê-lo na periferia de Suzano (região metropolitana de São Paulo). Ou seja, apenas por essa perspectiva, já teríamos um amplo debate sobre as condições reais e materiais às quais esses profissionais estão sujeitos em relação ao seu exercício, e que impactam diretamente na forma como criam suas metodologias de trabalho.

As mediações não estavam localizadas dentro de uma instituição; em qualquer uma das cidades onde residiam os participantes, esse aspecto influenciou a forma como foram elaboradas. No entanto, o objetivo principal da pesquisa não era, especificamente, as instituições por onde esses educadores passaram, mas sim, como essas instituições, e a relação dos educadores entre si, formavam um laboratório para construção do fazer "educativo". Essas criações, foram base para confirmação da hipótese de que "o trabalho metodológico desenvolvido pelos educadores(as) museais são também autonarrativas,

biográficas na medida em que a área se constrói no próprio exercício da profissão” (Turetta, 2023, p. 36).

O Laboratório *Mediando-nos* se tornou uma “cartografia-*web*-sentimental”. Se desenvolveram ali criações diversas e plurais, desde mediações até reflexões sobre a criação das metodologias de mediação, servindo inclusive como portfólio para que os participantes pudessem mostrar seus trabalhos uns para os outros ou em processos de procura de trabalho na área. A proposição encontrou apoio entre eles, dentre os motivos, porque suas criações ficam, na maioria das vezes, confinadas nas instituições. Foi se estruturando uma metodologia baseada na escuta, partilha, construção crítica, onde se evidenciava “as histórias, trajetórias de vida, saberes, práticas, processos de experimentações com outros sujeitos educadores(as) num espaço de afeto, entre pares” (Turetta, 2023, p. 36).

Dentro da plataforma, foram criadas algumas sessões: Mediações – dedicada aos trabalhos de mediação criados pela pesquisadora; Meto(a)dologias/Teorias de Quinta – dedicada às reflexões elaboradas coletivamente sobre os trabalhos de mediação e sobre assuntos da Arte-educação, Mediação Cultural e Educação museal; e Convidados(as) – dedicada aos participantes da pesquisa e seus trabalhos de mediação. Além destas, existiam ainda as sessões de parcerias, com outros sites e plataformas de cultura (Lyra das Artes e Ajarani), *links* para o *YouTube* (com as mediações gravadas e outros exercícios de criação) e *Instagram*.

O *Instagram* se tornou necessário para atender a demanda por trocas mais imediatas. Nele, replicaram-se as sessões do *blog* e adicionaram-se: “Conversa de Segunda”, onde a cada semana um trecho de um texto/livro era publicizado, convidando as pessoas a refletirem sobre a temática, discutindo o texto de Monica Hoff, “Como (no) repensar *los museos?*”; e de Luiz Guilherme Vergara, “Curadoria educativa: Percepção Imaginativa / Consciência do Olhar”; e “Lançando a Braba”, onde lançamos enquetes sobre temas polêmicos do circuito da Arte, Educação e Museologia, e, a partir dos resultados, elaboramos reflexões e ensaios sobre os assuntos. O laboratório teve período ativo de maio a setembro de 2020. Com o acúmulo de material elaborado, interrompemos as proposições para análise.

A necessidade de dialogar com os trabalhadores(as), e elaborar coletivamente um saber sobre seu processo de formação e criação de metodologias, impulsionou o exercício criativo de criar um ambiente onde essas vozes pudessem se convergir e, também, divergir. Buscou-se oferecer espaços seguros, onde os relatos e histórias que não encontravam eco nas instituições museais, fossem centrais para compreender o labor desses(as) trabalhadores(as). Nesse sentido, a narrativa de si, “propiciou a construção de um conjunto de informações sobre as complexas relações que se estabelecem entre a vida desses (as) trabalhadores (as) e o panorama político-social no qual eles estão inseridos” (Turetta, 2023, p. 36). Nesse sentido, entendemos a categoria biográfica como “gênese sócio-individual pela qual os indivíduos perlaboram o mundo social e histórico e não cessam de produzi-lo ao produzirem-se a si mesmos.” (Delory-Momberger, 2016, p. 137).

VIRTUALIDADE E ATUALIDADE: A QUESTÃO DE ESTAR NO CIBERESPAÇO

A seguir, debateremos, à luz das criações dos(as) participantes da pesquisa, como seus trabalhos se inserem no ciberespaço, por meio das plataformas online, como as redes sociais. Podemos questionar o que é a mediação, ao tomarmos o virtual como potência. Em termos filosóficos, a mediação é uma potência que tem a possibilidade de se atualizar enquanto processo, o qual, atualizado, amplia um dado aprendido, ou seja, sequer podemos afirmar que a mediação seja por si mesma o fim (no sentido de finalidade) da aprendizagem. Para nos ajudar nessa reflexão, Lévy nos propõe a seguinte lógica: “A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (Lévy, 1996, p. 14).

Entre ser um processo que te leva a uma finalidade específica, e ser parte de um processo que pode ou não culminar em uma série de consequências subjetivas, existe um salto de implicação filosófica. É evidente que podemos avaliar se os processos de mediação, especificamente centrados nos objetos de arte, estão sendo eficazes para determinados intuitos objetivos. No entanto, estaríamos nos referindo à avaliação de um processo de aprendizagem e não sobre a mediação em si. Outra história, se assim podemos dizer.

Pierre Lévy (1996) descreve essa oposição, utilizando uma imagem poética: “*A árvore está virtualmente presente na semente*”. Se essa semente irá germinar, florescer, existir de fato, é uma atualização do virtual, ou seja, “atualmente” ela não é uma árvore (Lévy, 1996).

Ao estruturarmos um laboratório-território no ciberespaço, criamos um ambiente, por definição filosófica, *virtual*. Pois as criações não necessariamente se concretizaram formalmente, e ainda assim, se atualizaram enquanto prática. Podemos então, numa abordagem menos hermética, sugerir que “toda mediação produzida naquele ambiente é *virtual*, porque contém em si uma potência, que pode se atualizar ou não – pode virar árvore, ou padecer semente” (Turretta, 2023, p. 72).

De acordo com o dicionário *Oxford Languages*, digital é:

relativo a dedos ou que tem analogia com eles: “impressões, apêndices digitais”; 2. relativo a dígito (algarismo): “relógio digital”; 3. que assume unicamente valores inteiros (diz-se de grandeza); 4. que trabalha exclusivamente com valores binários (diz-se de dispositivo). computador digital (Oxford Languages, 2024).

O questionamento que se faz é: os trabalhos que foram desenvolvidos por esses(as) educadores(as) são, em essência, roteiros e processos metodológicos postados em plataformas digitais? Para refletir a respeito, é importante diferenciarmos o digital e o virtual, ainda que sejam utilizadas no mesmo ambiente semântico.

O que define ciberespaços digitais, atividades remotas online e programas de ensino à distância, merece um olhar mais atento. De forma sucinta, atividades remotas são recursos pontuais que podem ser utilizados para otimizar um determinado programa de educação, por exemplo, vídeos autoinstrucionais que podem ser acessados, repassados e assistidos, não dependem exclusivamente de redes online e não possuem uma organização metodológica específica para o ambiente virtual. Diferente

disso, o ensino à distância possui metodologias próprias, uma concepção didático-pedagógica para esta modalidade. A definição de ciberespaço é extensa, e está inserida num debate filosófico, ainda em curso, se modificando na velocidade do próprio desenvolvimento tecnológico que sustenta sua existência, pois o ciberespaço não é só um conjunto de códigos, isolados de seu suporte material – que chamamos de *hardwares*. Porém, para o nosso debate, podemos considerar o entendimento de Silvana Drumond Monteiro (2007):

O ciberespaço é definido como um mundo virtual porque está presente em potência, é um espaço desterritorializante. Esse mundo não é palpável, mas existe de outra forma, outra realidade. O ciberespaço existe em um local indefinido, desconhecido, cheio de devires e possibilidades (Monteiro, 2007, p. 2).

As transformações comunicacionais dos últimos anos, especialmente do final dos anos 1990, do século passado para cá, acrescidas do impacto da COVID-19, nos impõe o desafio de refletir sobre como a Arte-Educação, Mediação Cultural e Educação museal, tem lidado com o mundo cibernético, que é virtual, mas também digital.

Isso posto, nos dedicamos a investigar quais dos trabalhos produzidos pelos participantes se debruçaram sobre o ambiente cibernético e quais se ativeram a uma conjuntura ideal, imaginando que aquela mediação estivesse acontecendo em uma exposição alocada num espaço físico.

Em duas mediações, podemos notar que o trabalho de criação se ateu às características do ciberespaço. Nas mediações de Nayara Passos (*A juventude negra e sua realidade*, 2020) e Daniela Rezende (*Você me dá sua palavra?*, 2020), tanto a forma, como o conteúdo, estabeleceu um ritmo, definido a partir de uma necessidade real, ou seja, se realizando. Em suas mediações, não existia a criação de situações hipotéticas de execução.

As mediações produzidas por Lorrane Campos (*Qué hacen ellas mientras ellos trabajan?*) e Jefferson Machado (*Le mond vomissant*), operam em outra lógica, criando situações que não se encontravam no ciberespaço, buscando adaptar proposições. Jefferson adverte no início da mediação:

Não existe uma única forma de executar o trabalho de mediação, a abordagem muda de obra para obra e de grupo para grupo. O que torna a mediação um trabalho minucioso, afinal, quais abordagens são possíveis? E quantas são possíveis? Qual a melhor indicada para o grupo que está diante de nós? (Machado, 2020).

Ao advertir que não existe uma única forma de executar um trabalho de mediação, e reforçar que essa decisão depende do grupo que está diante de nós, Jefferson traz o elemento variável daquilo que ele não consegue visualizar ou ter noção exata, como, por exemplo, quem são as pessoas que estão participando do processo, qual sua idade, gênero, raça, classe social etc. Essa é uma mediação que busca se adaptar às demandas do digital *online*, ao mesmo tempo em que cria situações hipotéticas,

cenários ideais: *“O que você sente a partir da observação da pintura? Você consegue descrever tais sensações? Quais os sentimentos que a obra lhe causa?”*.

O trabalho de mediação proposto por Lorrane Campos ensaia alguns cenários onde o processo poderia acontecer; menciona, inclusive, que poderia ser adaptada para instituições museais e outros espaços, e sugere tempo estimado para a atividade e recursos adicionais que podem ser acionados. A educadora cria contextos e imagina aplicações, alarga os limites do espaço *blog*, um exercício imaginativo (Turetta, 2023).

Para além do exercício de mediação, a contribuição de Elidayana nos traz um conjunto de informações. Seu conteúdo abrange não só aspectos metodológicos, mas também relatos de convivência com os colegas e com o público de uma exposição que ocorreu em uma instituição cultural, um texto com referências acadêmicas, organizado como um artigo.

Percebemos uma multiplicidade de estilos e formas de fazer a partir do exercício proposto. Esse território se torna, assim, um espaço heterotópico, dentro do espaço cibernético, ou seja, como afirmado por Michel Foucault (2013), o século XX é o século do espaço, a época do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso. Portanto, afirma o autor, estamos em um momento em que o mundo se experimenta muito mais como uma rede que religa pontos e entrecruza sua trama no espaço, que como uma grande via que se desenvolve através dos tempos.

Para investigar as possibilidades da mediação cultural, educação museal e arte-educação no ciberespaço digital, traremos para esse artigo a experiência do *Instagram Mediando_nos*. O espaço foi criado como extensão do laboratório, onde se propunha interações diversas que atendiam a uma demanda imediata (diferente do *blog* enquanto objetivo da plataforma). Por meio de enquetes sobre os temas sugeridos, comentários sobre textos propostos para discussão, leituras coletivas de obras de arte e outras partilhas, foi possível questionar muitos aspectos sobre como nós educadores pensamos os processos educativos utilizando-se das ferramentas oferecidas pelo mundo cibernético.

Utilizamos o texto de Monica Hoff (2016) como disparador para reflexão, em que ela propõe uma série de perguntas sobre *“Como (não) repensar os museus”*. Seleccionamos quatro perguntas para postar no *Instagram* a cada semana para debater com os educadores. Em uma delas, criamos uma legenda provocativa, a partir da pergunta de Hoff, *“Como (não) repensar os museus sem cair na micropolítica reativa?”* (Hoff, 2016, p. 93):

O que são micropolíticas reativas?
Os museus estão dispostos a mudar suas estruturas?
Quem se beneficia da relação entre os grandes Museus Tradicionais e os grupos historicamente oprimidos/excluídos?
Entendemos que não é possível responder essa pergunta de Mônica Hoff, sem elaborar uma série de outras perguntas. Reposicionar as questões dentro dos contextos: Como vocês estão percebendo o movimento dos museus em direção a mudanças estruturais efetivas? Elas estão ocorrendo? (Mediando_nos, 2020b).

A educadora Elidayana Alexandrino, em comentário, trouxe sua perspectiva sobre a temática. O exercício se transformou em uma mediação, em que a pergunta feita por Hoff era o objeto de arte mediado:

Os museus não estão dispostos a mudar suas estruturas porque quem está por trás das grandes exposições são os bancos ou empresários, se engana quem pensa que grandes decisões são tomadas sem os conselheiros e patrocinadores. O museu não tem fins lucrativos, mas faz parte do sistema capitalista, inclusive mediando e influenciando o mercado de arte. Esse museu que conhecemos forjado no “velho mundo” só vai mudar quando todas as estruturas sociais mudarem, ou seja isso irá demorar. Os museus estão agindo de acordo com as ondas e por pressões externas e internas, mas não sejamos ingênuos existe uma disputa grande de poder inclusive simbólico regendo “a casa das musas”. É a memória que está em guerra (Mediando_nos, 2020b).

Outros comentários foram tecidos sobre a legenda provocativa e a pergunta de Hoff, fomentando o diálogo com educadores, no tempo das redes, (re)posicionando a pergunta em outros contextos.

Outro exercício foi o estudo do texto “Curadoria Educativa: Percepção Imaginativa / Consciência do Olhar”, de Luiz Guilherme Vergara. A cada semana, a pesquisadora selecionava um trecho para postar no *feed* do *Instagram* e discutir. O primeiro trecho apresentado questionava “aonde está o significado da arte? No próprio objeto? No sujeito, o observador? Ou no contexto onde esse objeto está exibido?” (Vergara, 2011, p. 58). Elidayana contribuiu com o debate propondo uma outra reflexão a respeito.

Acredito que não tem uma resposta fechada para essa pergunta, mas podemos pensar em todo o contexto, existem trabalhos artísticos que exigem imersão, ou seja, mexe com todos os sentidos. Penso que há um encontro entre observador e objeto artístico. Esse assunto não se esgota, inclusive deveria ser mais discutido dentro dos cursos de arte, que valorizam muito o sistema da arte, do que o sistema de conexões ou desconexões gerados por ela (Mediando_nos, 2020b).

Observamos, portanto, que essas propostas ganharam um ritmo de mediação. Oferecendo caminhos para inúmeras possibilidades, para nós educadores, a partir da utilização das redes sociais e plataformas online de publicação de textos, isso sem considerar as possibilidades da modalidade EAD para programas educativos (voltados para mediação em museus e exposições).

Foram elaboradas algumas enquetes provocando os participantes a interação, e algumas delas trouxeram dados interessantes para análise. A primeira lançada foi: “Vocês acham que Educação museal é a mesma coisa que Mediação? Por quê sim, ou por que não?”. As respostas foram variadas, entre elas: “depende das experiências dos

visitantes”; “a mediação se apresenta geralmente como parte da Educação museal”; “A mediação é um campo mais aberto à criação. Não que a Educação museal não se utilize desse recurso”; “Mediação é uma das partes da educação museal mas não consegue por si só abranger”; “Mediação é uma técnica utilizada na Educação museal” e etc.

Outra enquete, que gerou bastante reflexão, foi sobre os monumentos. Foi lançada a pergunta: “Os monumentos são importantes?”. Além da pergunta, colocamos a imagem do “Monumento ao foda-se” do artista Kendell Geers. Esse debate veio à tona por conta dos acontecimentos de 2020, em que ativistas e militantes começaram a questionar monumentos das cidades, e o que eles significavam para história dos grupos subalternizados. A imagem do monumento foi acompanhada de uma proposta de interação, no *blog*: “Qual monumento você ergueria na sua rua, bairro, cidade, estado, país? Por quê? Desenhe ou molde com o que tiver, esse monumento, e crie uma história para ele. Compartilhe se quiser”. Os resultados da enquete foram: “Eles são marcos da memória de um país, povo, nação”; “Memória de uma história... inclusive pro lado ruim, pra gente não repetir”. Como resultado da proposição colocada no *blog*, tivemos algumas propostas de monumentos: “Um monumento de post-it, que pudesse ser pixado e repixado sempre”; “Um monumento que pudesse nos lembrar do trabalho doméstico e como ele é banalizado e não remunerado ou mal remunerado na sociedade”; “Um monumento que nos lembrasse os horrores da ditadura civil-militar-empresarial no Brasil”; “Um monumento que nos lembrasse que as comunidades indígenas existem e resistem nos territórios urbanos também”; “Um monumento que mostrasse a história LGBTQ”.

Outra experiência com as enquetes foi a provocação sobre os sentidos. Disponibilizamos o vídeo imagem-cheiro (figura 2) pelos *stories*, e perguntamos: “Sentiu esse cheiro?”. O vídeo mostra um café sendo coado, ao fundo ruídos dos carros, em primeiro plano, a fumaça que sai no processo da coagem. Em seguida, perguntamos: “Existe algum cheiro que te remete a um lugar específico?”. Em resposta, tivemos: “Café, me leva à casinha”; “O cheiro de lenha queimando me leva pra casa da minha avó”; “Cheiro de mar, cheiro de feijão cozinhando...”; “Cheiro de café me leva para o entardecer na praia” e etc. A partir dessas respostas, tivemos uma série de reflexões sobre usar os sentidos para o processo de mediação de obras, não só no ambiente virtual, digital.

Outras enquetes foram lançadas, e a cada uma delas iniciamos um processo de conversa e análise sobre as metodologias implicadas naquela mediação, que buscava, em essência, a investigação sobre si mesma.

É importante salientar que a plataforma no *Instagram* era composta majoritariamente por pessoas envolvidas com educação, cultura, arte etc., mas também existiam pessoas que começaram a seguir a página sem saber bem o que era esse universo, então, algumas respostas às enquetes e contribuições, vinham de pessoas que não necessariamente conheciam o debate profissional sobre Mediação, Arte-educação e Educação museal. Essa percepção pôde ser avaliada pelos relatórios de interação fornecidos pela plataforma. A página chegou a 250 seguidores durante o período ativo, sem qualquer tipo de impulsionamento ou divulgação compulsória.

Muitas instituições museais e centros culturais e expositivos, começaram ou intensificaram o uso das redes sociais para promoção de ações de educação durante a pandemia de COVID-19. Naquele período, nos dedicamos a navegar por algumas

páginas do *Instagram* dessas instituições e perceber de que forma as ações educativas eram propostas. Havia uma confluência entre as ações de educação e comunicação, como se fossem a mesma atividade. Alguns museus promoviam seus acervos de forma online, porém essa promoção não era necessariamente uma ação educativa, pois não tinham finalidade, objetivos e métodos educativos (Turetta, 2023). O que se notava, na maioria dos casos, eram ações que tinham como objetivo central a divulgação. O que se constatou é que essas ações não eram desenhadas pelos educadores, mas sim por equipes de *design*, marketing e administração de redes sociais. Indicando que, mesmo com a popularização em massa da internet (pelo menos desde o final dos anos 1990 do século XX), muitas instituições culturais, em 2020, ainda não tinham conseguido elaborar caminhos educativos mais consistentes e autônomos em relação à comunicação e divulgação de seus acervos e atividades.

Nos dias de hoje, ao observar essas mesmas redes sociais, notamos que as ações educativas online estão mais alinhadas, elaboradas a partir de necessidades específicas dessa modalidade. Inclusive, repensando o papel do conteúdo online dentro do programa educativo do museu (como um todo), “Há uma tendência explícita em desenvolver processos educativos, e dentro desse aspecto, mediações, que articulem as ferramentas disponíveis aos objetivos educacionais daquela ação” (Turetta, 2023, p. 76).

É possível perceber, nesse contexto, iniciativas cada vez mais autorais de trabalhos de mediação. Arte-educadores, mediadores culturais, educadores museais e artistas de todos os segmentos explorando as ferramentas para elaborar portfólios ou projetos coletivos. No entanto, devemos pensar no quanto os algoritmos são responsáveis pela disseminação ou não desse tipo de conteúdo, pois “não se tratam especificamente de produtos a serem vendidos, mas de novas formas de utilizar as plataformas de imagens e interações sociais, uma subversão de seu uso original” (Turetta, 2023, p. 77). Importante lembrar que, por mais popularidade que as redes sociais tenham atingido nos últimos anos, estamos falando de um terreno pouco tateado e em constante transformação, que pode oferecer muitas oportunidades, mas também desafios. A “obsolescência” das redes sociais é frequente, em um dado momento uma plataforma é hegemônica, e logo depois ela entra em declínio, exigindo uma nova familiarização. Dentro da mesma plataforma, por exemplo o *Instagram*, as regras e funções são constantemente redesenhadas para atingir um certo público ou métrica de desempenho, alterando o alcance dos conteúdos e a forma como são produzidos. Além disso, a questão dos direitos autorais ainda é difusa, contribuindo para concentração de riqueza para as megacorporações de comunicação e tecnologia, com base na produção contínua de conteúdo de cada usuário, sem nenhum tipo de remuneração. Sem contar a questão dos dados e como eles se convertem rapidamente em capital para ser explorado por essas mesmas empresas. Com as novas promessas do ciberespaço, como Metaverso, *Blockchain*, NFT⁴, muita coisa pode se remodelar no campo da cultura, um campo para disputa.

Esta análise é um exercício de reflexão sobre como os educadores criam suas mediações, como elaboram suas metodologias, como produzem no ambiente virtual *online*, no ciberespaço. Trazer a questão do virtual, atual, real e digital, é uma tentativa

TURETTA, G. M.; TAVARES, M. A.; LIMA J. D. de S.

de compreender como estamos desenvolvendo nossos trabalhos nesse novo ambiente, com novos desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos tecer algumas considerações acerca do uso das plataformas online para criação de metodologias de pesquisa para Arte-educação, Mediação Cultural e Educação museal. Nota-se que, com as novas ferramentas de impulsionamento, muitos conteúdos podem ser sonogados a uma parcela maior de pessoas. As questões sobre a segurança dos dados e direitos autorais ainda estão sendo discutidas, tanto nacionalmente, quanto internacionalmente. Além disso, há de se questionar o papel das grandes corporações que arquitetam estas plataformas, e os objetivos primários aos quais elas se destinam.

De todo modo, a ocupação desses (ciber)espaços já é um dado com o qual devemos trabalhar enquanto educadores, pois, ao passo que as instituições culturais se debruçam sobre o desenvolvimento de ações no ambiente virtual, nós enquanto profissionais da área, somos também impulsionados a desenvolvermos estratégias para manejar essa nova forma de comunicar-se em rede, tornando esse ambiente também de colaboração e compartilhamento de saberes, construídos coletivamente, tendo como horizonte uma arte-educação mais acessível, popular e emancipadora, mobilizando os agentes fazedores para que suas criações e reflexões sobre seu exercício laboral, sejam, também, instrumentos de pesquisa nas áreas da Educação, Artes-Visuais, Museologia, Pedagogia e entre outras.

Artigo recebido em: 05/06/2023

Aprovado para publicação em: 23/02/2024

THE USE OF DIGITAL CYBERSPACE FOR THE CONSTRUCTION OF RESEARCH METHODOLOGY IN ART EDUCATION, CULTURAL MEDIATION AND MUSEUM EDUCATION

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the use of cyberspace in the construction of research methodologies in Art Education, Cultural Mediation and Museum Education, focusing the analysis on an experience carried out during the Covid 19 pandemic for the development of a master's thesis. Based on the methodological principles of participatory research, the action led to the construction of collaborative laboratories using Blogger and Instagram platforms, privileging the actions of the participants in proposing educational actions and exchanging knowledge among themselves. The analysis showed that the participants' creations in cyberspace is an exercise of educational reflection on arts and cultures, differentiating themselves from communication and visual marketing content that are commonly found in the virtual environments of cultural institutions.

KEYWORDS: Art Education; Museum Education; Cyberspace; Participatory Methods.

EL USO DEL CIBERESPACIO DIGITAL PARA LA CONSTRUCCIÓN DE METODOLOGÍAS DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN ARTÍSTICA, MEDIACIÓN CULTURAL Y EDUCACIÓN EN MUSEOS

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar acerca del uso del ciberespacio en la construcción de metodologías de investigación en Educación Artística, Mediación Cultural y Educación en Museos, teniendo como foco de análisis una experiencia realizada durante la pandemia del Covid 19 para el desarrollo de una tesis de maestría. Basada en los principios metodológicos de la investigación participativa, la acción condujo a la construcción de laboratorios colaborativos utilizando las plataformas Blogger e Instagram, privilegiando la participación de los participantes en la propuesta de acciones educativas y el intercambio de conocimientos entre ellos. El análisis nos ha mostrado que las creaciones de los participantes en el ciberespacio es un ejercicio de reflexión educativa sobre las artes y culturas, diferenciándose de los contenidos de comunicación y marketing visual que comúnmente se encuentran en los ambientes virtuales de las instituciones culturales.

PALABRAS CLAVE: Educación Artística; Educación en Museos; Ciberespacio; Metodologías Participativas.

NOTAS

- 1 - Todas as mediações citadas no artigo estão disponíveis para consulta nesse endereço.
- 2 - Disponível em: <https://www.anetering.com.br/>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- 3 - Disponível em: <https://mediando-nos.blogspot.com/2020/05/serie-horizontes-2012-anetering.html>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- 4 - "NFT é a sigla usada para os tokens não fungíveis. Mas o que é ser não fungível? Significa ser único e insubstituível. Por exemplo, o bitcoin é fungível – se você trocá-lo por outro bitcoin, você terá um ativo do mesmo valor. (...) Os tokens não fungíveis são, então, representações digitais de qualquer coisa digital única. Por exemplo, uma obra de arte famosa, uma música, um Nyan Cat ou um tuíte."

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte/Educação Contemporânea, Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 133–147, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 21 mar. 2024.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio Daniel Defert.

TURETTA, G. M.; TAVARES, M. A.; LIMA J. D. de S.

Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOFF, M. Como (no) repensar los museos em tiempos tan impresionantes. *In*: III CONGRESO INTERNACIONAL LOS MUSEOS EM LA EDUCACIÓN. Repensar los Museos. Publicación del Área de Educación Museo Nacional Thyssen-Bornemisza EDUCATHYSSEN, 2016. **Anais** [...], Museo Nacional Thyssen-Bornemisza, 2016. p. 92-99.

LEVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MACHADO, J. **Mediando-nos**, [s. /], 2020. Mediação do autor. Disponível em: <https://mediando-nos.blogspot.com/2020/06/le-monde-vomissant-o-mundo-vomitante.html>. Acesso em: 23 mar. 2024.

MEDIANDO_NOS. **Página do Instagram**. 2020b. Disponível em: https://www.instagram.com/medindo_nos/. Acesso em: 14 maio 2024.

MEDIANDO-NOS. **Laboratório na plataforma Blogger**, [s. /], 2020a. Meta(o)dologia 6 – Monumentos que façam sentido. Disponível em: <https://mediando-nos.blogspot.com/2020/07/monumento-ao-foda-se-2010-kendell-geers.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

MONTEIRO, S. D. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6089>. Acesso em: 01 set. 2022.

ORFORD LANGUAGES. **Google**. Digital. [s. /], 2024. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=opera-gx&q=digital&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acesso em: 30 mar. 2024.

PASSOS, N. **Mediando-nos**, [s. /], 2020. Mediação da autora. Disponível em: <https://mediando-nos.blogspot.com/2020/07/serie-juventude-negra-e-sua-realidade.html>. Acesso em: 23 mar. 2024.

PANORAMA CRYPTO. **Tokens não fungíveis (NFTs) podem ser futuro das obras de arte**. [s. /], 2020. Disponível em: <https://panoramacrypto.transfero.com/o-que-sao-tokens-nao-fungiveis-e-como-eles-podem-pegar-carona-no-defi/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

REZENDE, D. **Mediando-nos**, [s. /], 2020. Mediação da autora. Disponível em: <https://mediando-nos.blogspot.com/2020/06/voce-me-da-sua-palavra1994-elida.html>. Acesso em: 23 mar. 2024.

TURETTA, G. M. **Na construção dos modos de fazer: processos metodológicos de educadores(as) de museus e exposições de arte.** 2023. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) – Fundação Joaquim Nabuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/9024>. Acesso em: 03 mar. 2024.

VERGARA, L. G. Curadoria Educativa: Percepção Imaginativa/Consciência do Olhar. *In*: FUNDAÇÃO Bienal do Mercosul. **Caderno de Medição.** Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011, p. 57-60.

GABRIELA MAETÉ TURETTA: Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, culturas e identidades (UFRPE-FUNDAJ). Especialista em Museus, identidades e comunidades pela FUNDAJ. Graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo. Atua como mediadora cultural, educadora museal e arte-educadora.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0000-7248-3679>
E-mail: maiteturetta1@gmail.com

MAURICIO ANTUNES TAVARES: Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe). Pesquisador Titular da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Docente do Programa Associado (Fundaj-UFRPE) de Pós-graduação em Educação, culturas e identidades (PPGECI).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7022-0402>
E-mail: mauricio.antunes@fundaj.gov.br

JOANA DARC DE SOUSA LIMA: Pós-Doutora em História pela USP e UFPE. Docente no Departamento de Artes Visuais no Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Líder do Grupo de Pesquisa Djumbai - Arte e patrimônio cultural africano e afrodiáspóricos.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3338-7972>
E-mail: joana.daslima@ufpe.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).